

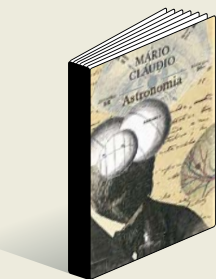
Astronomia

Na cidade que persiste em reputar-se de cabeça do território em guerra, e que constitui o último reduto da defesa contra o terrorismo desembestado, as lâmpadas amarelas duram, acesas de noite, e de dia. Atulham-se as sarjetas de garrafas de cerveja, oportunamente designadas por «bazookas», e circulam sem parança as viaturas militares, vistoriando a área, ou conduzindo os maiores do exército colonial nas lides da sua vidinha. Ao cais que fica na história como sede da revolta dos estivadores, a que desencadeia o conflito, atracam os navios de transporte de tropas, derradeiros exemplares de uma frota ao serviço dos funcionários de antanho. Erraticamente singram agora, destituídos de bandeira que os identifique, muito ao largo daquele pedaço da costa ocidental de África, reivindicado pela Pátria como eterna possessão. E regurgita uma esplanada de fuzileiros, de pára-quedistas, e de comandos, temporariamente em licença, e que se espapçam, emborcando bejecas, e deglutindo os camarões que as acompanham, ou a mancarra que conforma a exclusiva, e justificante, produção daquele quadrilátero de charcos. Os mosquitos em fúria mordem os tornozelos dos recém-chegados, e fala-se entre pasmo e pânico de uma cobra minúscula que se desprende da rama dos coqueiros, e que aterra nos que passam em baixo, picando-os no pescoço onde injecta a morte que sobrevém num minuto. Como residual paraíso de tudo isto uma mulata rotunda, e muito reinadia, fabrica gelados que assumem a dimensão de um místico manjar, e que na mágica dos fregueses preenchem um arquétipo de chocolate e baunilha, de manga e papaia, e de inúmeros outros sabores, desdobrados num espectro luminoso. Ergue-se o forte secular, a proteger a colónia das armadas dos países do velho continente, obcecados pela cobiça daquilo que os outros conquistam. E carrega-se o céu de cúmulos de água que não se contém, que deflagram em torrentes de chuva, e em raios, coriscos e ribombos, que fazem estremecer o chão constantemente sequioso. Um avião explode na escassa pista de aterragem que resta à povoação sitiada, e voam em farrapinhos as notas de banco que nele se traficam, caindo em flocos que num alvoço se apanham na queda, mas que em absoluto carecem de valor. Não se detém o rapaz no seu texto, e rabisca mais isto,

«Nos quadris um grito se cravava, crosta de ferro e arame, a geografia devastando de ossos e pele, à garganta subindo no garrote gelado que tudo cingia.» 18

Na Secção de Justiça, onde serve, alojada num quartel-general que fervilha de entradas e saídas de militares na sua lida da guerra, reina um misto de circunspeção e estouvamento. Mercê daquilo que se considera produto do clima dos trópicos, o qual se crê apanhar toda a gente, voam amiúde esfesferográficas de secretária para secretária. Propulsiona-as um ímpeto infantil de libertação, a interromper a aturada análise dos processos-crime, ou meramente disciplinares, pontuados pelas convencionais expressões tabeliônicas, «Chamei à minha presença», «E ao ser interrogado», «Em cumprimento de». Ao longo da semana inteira, compreendendo sábados e domingos, e apenas com o breve intervalo para almoço e sesta, o rapaz labuta, partilhando com o escasso punhado de milicianos-juristas a responsabilidade da proposta de soluções para os desmandos praticados pela desorientação da soldadesca. Giram sem pausa as ventoinhas de tecto, isto porque tão-só as instâncias superiores auferem de ar condicionado, e erguem-se por isso, a planar como garças, ofícios e ordens, rascunhos de informações, ou notas confidenciais, a menos que as segurem os calhaus que se lhes põem em cima. Na atmosfera enevoada pelo fumo de tabaco, para a qual ele próprio, o rapaz, não deixa de contribuir, avista-se de longe a longe o provector major do quadro no posto que ocupa. Arrasta a sua borracheira, enfiada em intermináveis borracheiras, sempre que a da véspera não se mostre de caixão à cova, precipitando-o a ressonar debaixo das estrelas, e em decúbito dorsal, ao fundo de uma dessas valas, destinadas ao escoamento das chuvas. E o rapaz mete-se no jeep, e apeia-se dele, desistindo de estabelecer diálogo com o condutor indígena que afecta não entender seja o que for, e que masca numa obsessão a bolinha de cola que lhe enegrece os dentes branquíssimos. Encharcado em suor, e de estômago atulhado do caril de frango, obrigatório menu diário da messe, cai de fadiga na tarimba do contentor que lhe designam como casamata, e donde a meio da noite rompe o esparso berro de um camarada que não aguenta mais, e que exige o seguinte,

«Tirem-me daqui!»,
ou que descarrega a sua acrimónia contra quanto o rodeia, expelindo esta frase com que desabafa a incoercível urgência de privacidade,
«Vai para o mato, malandro!»



► **Mário Cláudio**
ASTRONOMIA
D. Quixote, 472 pp, 17,90 euros

de um poeta com quem privei, terminaria eu por me apegar a ele, mas apenas depois da sua morte. Ficaria em mim em suma como um

duplo, ou um irmão gémeo, se bem que empolgado por uma propensão libertária que jamais possuí, mas que sempre cobicei. **J.L.**

Afonso Cruz Entre a memória e a esperança



Afonso Cruz **Uma ficção que espelha os nossos dias**

Diante da campa do pai, o narrador de Flores, o novo romance de Afonso Cruz, apercebe-se que o seu mundo não faz muito sentido. O casamento, a relação com a filha, o futuro que se abre pela frente. É entre dúvidas e descrenças que começa a reparar no seu vizinho e na doença que o atormenta. A

cada dia que passa, o Senhor Ulme perde a habilidade de comunicar, de se movimentar e de lembrar o passado. O vazio de um equivale ao vazio de outro, afirmando-se assim o ponto de partida de uma narrativa em que os horrores da História convivem com a esperança na humanidade. Pela escrita de

Afonso Cruz, que continua a variar registos, do micro-conto aos livros ilustrados, perpassam ainda algumas das "injustiças" dos nossos tempos.

Jornal de Letras: Depois das flores de plástico de uma peça de teatro, outras flores no seu novo romance. O que mais o interessa literariamente: a natureza, a metáfora, o enigma, a raiz e o fruto?
As flores têm uma riqueza simbólica absoluta. É por isso que as vemos a decorar situações tão díspares como casamentos, relações amorosas, funerais, pacificações, simples embelezamento, nascimentos e batizados. Enfeitam pratos de chefs, ensopam-nos com a beleza (a das tulipas, por exemplo) ou com os sonhos do ópio. São o sexo das plantas, com todo o charme, sedução, isco e burla que representam, numa exibição teatral das suas faculdades, de cores e cheiros. É um tema infundável.

E qual foi a semente do livro? Um dos seus ramos conduz o leitor ao romance *A Boneca de Kokoschka*...
Sim, quase todos os meus livros

Rui Zink Quem tem medo do terrorista?

Com *Osso*, Rui Zink dá por encerrada a tetralogia que dedicou à crise, iniciada com *O Destino Turístico*, *A Instalação do Medo* e *A Metametamorfose e Outras Formosas Morfoses*. Agora, os protagonistas são um terrorista, preso à entrada do país, e um interrogador, que a certa altura confundirá as suas fidelidades, acabando igualmente preso. Um romance em jeito de farsa, como descreve o escritor, que atendendo à austeridade que grassa no nosso quotidiano cortou no livro todas as "gorduras excedentárias". Uma obra, portanto, em forma de diálogo contínuo, que sublinha a arte de Zink para o jogo de palavras,

de contraditórios e de enganos. Um retrato de uma sociedade em que nem tudo o que parece é.

Jornal de Letras: Este livro é um osso duro de classificar. Como o define? Diálogo, parábola, farsa?

Rui Zink: Um romance. Em tom de farsa. A tetralogia sobre a crise que agora chega ao fim, começou com uma tragédia (*O Destino Turístico*), seguiram-se-lhe um drama (*A Instalação do Medo*) e uma comédia (*A Metametamorfose*). O epílogo tinha de ser uma farsa, claro, além do mais 2015 também o exigia, e quem sou eu para contrariar 2015?

O registo é muito próximo do Teatro. Pensou-o como tal?

Todos os meus livros, quase sem exceção, fundem géneros. E são ensaios de coisas novas a partir desse vastíssimo ferro-velho que dá pelo nome de Literatura. Se reparar bem, o livro está dividido em três partes, segundo a mais clássicas das partições: lírica, drama, narrativa. As três partes não têm o mesmo número de caracteres, o mesmo peso em quilos? Mas têm exatamente a mesma importância. O título, *Osso*, designa conteúdo e forma. Aqui que ninguém nos ouve, acho que encontrei um modo de contar mui adequado ao mundo de hoje, e aguardo emocionadamente uma menção honrosa do Ministério da Economia, porque é um livro como deve ser: limpo de gorduras excedentárias. O dinheiro e o tempo que não poupei aos contribuintes, ao abdicar dos «naquela manhã», «entretanto», «retorquiu», «inquiriu», «murmurou», «pigarreou», «coçou o queixo», «mordeu o lábio», «franziu o sobrolho». E olhe que tenho alguma pena, porque «franziu o sobrolho» é uma das minhas expressões favoritas.

A certa altura lê-se: "Tempos desgraçados pedem desesperos engraçados". No riso está a raiz da reflexão?

Flores

Pai, estou frente ao espelho.

Relembro-te um momento em que estavas de cócoras ao meu lado e me ajudavas a montar um lego, tenho de te agradecer isso, de te debruçares sobre as minhas brincadeiras, cresci com a tua sombra. Tenho de agradecer-te o hálito a café pela manhã, quando me acordavas para ir para a escola, e, claro, o primeiro after-shave que me deste, depois de rapar o buço incipiente que me pautava o lábio superior. Pai, ainda uso a mesma marca, não consigo imaginar outra, se a fábrica deixar de produzir desisto de fazer a barba. Tenho de te agradecer o primeiro jogo do Sporting que vi no estádio de Alvalade, o Manuel Fernandes, o Oliveira, o Damas, mas acima de tudo o facto de gritares golo como se reclamasses a eternidade, nunca me esquecerei da tua voz a fazê-lo, era a única que eu ouvia no delírio do estádio, era o grito que eu seguiria como se fosse o messias, eu, com sete anos a correr atrás da revelação, da religião, da vida eterna que era uma palavra de quatro letras, como o impronunciável nome de Deus era para o judeus. Dizias golo, pai, mas eu ouvia a mais alta conquista do ser humano, uma espécie de divinização da lama de que somos feitos. Tremia por dentro, pai, tremia com o teu grito eterno, que se projectava do passado mais longínquo, desde o big bang ao fim dos tempos, um grito que percorria a história e refazia a vida, montava os ossos dos homens num esqueleto, dava-lhes poesia, ou alma, se preferires, ressuscitava todos os mortos, o teu grito. Quatro letras, como o nome de Deus. Tenho de agradecer-te, pai, o modo como sorrias quando eu chegava a

casa e te abraçava, confuso pela tua presença breve, delicada, como uma brisa. Se um dia vier a acreditar em Deus, não quero relâmpagos e trovões, quero um sorriso delicado como aquele que aparecia no teu rosto. O mundo, quer-me parecer, é muito mais um sorriso ou uma flor a abanar ao vento do que um terramoto, um monumento de pedra ou um grand canyon. E agora, pai, tenho de ir buscar a Beatriz aos tempos livres. Mas encontrar-nos-emos aqui no espelho, ou num golo do Sporting, em quatro letras. Até já.

(...)

Nós tínhamos uma ameixeira no quintal. O pai pegava numa ameixa, metia-a toda na boca, dizia que era assim que a devíamos comer, depois cuspiam o caroço, baixava-se e cuspiam. Era um gesto de reverência, de totalidade, mas mais do que isso, perpetuava a árvore, pois ao cuspir plantava-se. Era a reprodução da ameixeira, cuspir fazia nascer uma árvore. E o pai, quando se erguia, com as calças de fazenda a apertarem-lhe os testículos, de tão puxadas para a barriga, os suspensórios lassos, concluía: é assim que se come uma ameixa. É isso, pai, não é só o fruto que comemos, são as frágeis pegadas dos pássaros que nele pousaram, os raios

de sol, o grito dos mochos, o luar mais furtivo, a chinfrineira das cigarras. Os frutos são o resultado de tudo. O caroço que se cospe é a vida.

É isso, pai, é a vida.

É o caroço que temos de encontrar e perceber que isso somos nós, prontos a ser cuspidos, esse lugar desprezível é o mais importante.

Senhor Ulme, encontrarei o seu caroço e dar-lhe-ei um motivo para ser cuspidos e, desse gesto, farei nascer uma nova árvore, maior, mais alta, frondosa, abetérea, conclusiva, uma árvore da vida, cabalística, perfeita, um ramo de pão e outro de alma, um fruto de maresia, outro barro.



► Afonso Cruz
FLORES
Companhia das Letras,
272 pp, 17,50 euros

têm filamentos, raízes, sementes e esporos que vem de outros e partem para novos lugares. Volto ao tema do golem, por exemplo,

que é algo que me fascina por todas as implicações que convoca. Há uma personagem que deambula por quase todos os

meus livros, Isaac Dresner, e que é para mim, mais do que ficção (e anda tantas vezes a coxear ao meu lado), como um amigo.

Não diria a raiz, antes o método. O riso consegue ser melhor que o prof. Karamba: resolve problemas, alivia dores, dá prazer, ajuda a compreender. E é muito bom quando a ficção tenta dar o salto do rir-dos-outros para o rir-com-os-outros. Ambos são humanos mas este último é mais salutar. Espero genuinamente que os leitores fiquem a simpatizar com as duas personagens principais, trabalhei para isso.

Qual foi a ideia que desencadeou este diálogo entre um terrorista e um interrogador?

A minha sempre sorridente surpresa quando, em certos formulários de viagem, me perguntam se já participei numa rede de tráfico humano. Este ano tive de preencher também um para o meu filho mais novo (a sua estreia nestas andanças). Lá veio a pergunta sobre se já fez terrorismo e eu, como qualquer pai, tive de me conter para não escrever sim.

Entre um e outro, entre quem ataca e é atacado, quem acusa e é acusado, entre Ocidente e Oriente, nem tudo o que parece é, como sugere a moral da história?

Ainda estou atordoado de ter escrito o livro e não sei bem como o descre-



Rui Zink "Agarrar o ar do tempo em tempo real"

ver. Talvez «Soldado Schweik goes Guantanamo». O livro não é realista, é ameno e alegre, espero, mas a situação e os problemas que aborda são bem reais e têm-nos assombrado a todos desde pelo menos 11 de Setembro 2001. Será presunção minha dizer que integro uma pequena elite de escritores que tentam agarrar o ar do tempo em tempo real? É, mas como mais ninguém vai dizer isso (o meu exército de exegetas

profissionais é infelizmente escasso), digo eu.

“Indústria da felicidade já deu o que tinha a dar. Agora já só nos restam os ossos”, desabafa o terrorista. É essa a marca do nosso tempo?

É sem dúvida uma. A instalação do medo está completa. A felicidade deixou de ser um objetivo. Veja os jornais: só os sádicos são felizes, por finalmente

Este parece ser o seu romance mais político, no sentido de incluir, refletir e recriar assuntos da atualidade. A crise bateu à porta da sua literatura?

É uma história que se desenrola nos dias de hoje e por isso seria inevitável comentar a atualidade. Tenho tido essa preocupação em livros ilustrados como *Assim, mas sem ser assim*, *Capital* ou *A Cruzada das Crianças*. Neste caso, achei mais do que pertinente, senão um dever, apontar episódios, circunstâncias ou situações que julgo, para não usar o calão, serem de extrema injustiça.

A memória, no entanto, é o grande tema. Sem ela, até o pior dos homens se torna inofensivo. O que resta ao senhor Ulme, agora que esqueceu quase tudo, sobretudo o que de mais pessoal há na sua vida?

A memória é o grande tema porque também é um grande tema. Ao senhor Ulme resta uma virtude que é comum a todos os humanos desde que Pandora abriu a tal caixa: a esperança. Sabendo que a vida não acaba bem, tendo consciência de que a morte é uma ameaça constante e que, mais tarde ou mais cedo, sairá vencedora, essa mesma esperança mantém a possibilidade de nos mantermos otimistas e continuarmos a procurar a felicidade. A nossa e a dos que nos rodeiam.

A sociedade também está a ficar cada vez mais esquecida? O que fazer diante dos horrores perpetrados pela humanidade, que encham os recortes de jornal guardados pelo senhor Ulme? É

preciso despertar os homens?

Não acho que esteja a ficar mais esquecida, mas acho que uma boa parte dos cidadãos mais informados não sente qualquer pressão para agir. Não desconsidero as indignações momentâneas, mas creio que é possível fazer mais e melhor. Repensar o sistema democrático tornando-o mais justo, verdadeiro e, sobretudo, hierarquizar os valores: ou seja, remeter a pecúnia para o seu lugar, que é o de servir e não o de ser um anelo per se. Mudar pequenas coisas pode ter um resultado estrondoso. São flores no cabelo. Mas por vezes precisamos mesmo de nos olhar ao espelho, ver um golem e revoltarmo-nos. Se ficamos zangados com um café mal servido, também temos a obrigação de nos enfurecermos com a permanente injustiça que vemos à nossa volta ou a que somos submetidos. Se vamos a um restaurante e nos servem comida estragada mandamos para trás. Se nos servirem uma realidade estragada devemos fazer o mesmo: desculpem, mas eu não quero este croquete.

Mesmo para um escritor tão variado, os leitores vão encontrar algumas novidades neste livro. A escrita, como a vida do narrador, não pode cair na rotina?

Pode cair na rotina, claro. Mas o trabalho de qualquer criador, em qualquer profissão, é entrar "mais dentro na espessura" e garantir que tudo o que faz é um caminho, uma descoberta, um passo além dos seus limites. JL. LUÍS RICARDO DUARTE

OSSO

Era uma vez

Senhores e senhoras, circulem
Não há nada para ver
Está tudo sob controlo

Repetimos, senhoras e senhores
Não há nada para ver
Houve um problema mas as forças da ordem resolveram-no rapidamente
Nada de pânico, não há nada a recear
A situação está sob
Perfeito controlo

Uma vez mais, meninos e meninas
Estimável público
Não há nada para ver
Houve um problema mas as autoridades agiram sem contemplos
Nada de pânico, não há nada a recear
A situação está sob perfeito contr-



► Rui Zink
OSSO
Teodolito, 136 pp, 12 euros